

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

FRANCIÉLI MARCELINO DE GUIMARÃES

**ARTE E CULTURA REGIONAL:
REFLEXÕES A PARTIR DOS DIÁRIOS DE CLASSE DOS PROFESSORES DE
ARTES DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SOMBRIO – SC**

CRICIÚMA

2014

FRANCIÉLI MARCELINO DE GUIMARÃES

**ARTE E CULTURA REGIONAL:
REFLEXÕES A PARTIR DOS DIÁRIOS DE CLASSE DOS PROFESSORES DE
ARTES DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SOMBRIO – SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2014

FRANCIÉLI MARCELINO DE GUIMARÃES

**ARTE E CULTURA REGIONAL:
REFLEXÕES A PARTIR DOS DIÁRIOS DE CLASSE DOS PROFESSORES DE
ARTES DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SOMBRIO – SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre em Educação - (UNESC)
Orientadora

Prof^a. Ma. Amalhene Baesso Reddig – Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^a. Carine Oliveira Teixeira – Especialista em história da arte – (Externa)

Dedico esta pesquisa a toda a minha família, em especial à minha mãe Viveika e minha avó materna Maria, que sempre estiveram ao meu lado apoiando-me em todos os momentos que precisei, e ao meu avô materno João Carlos (em memória), que na minha infância me incentivou a buscar novos conhecimentos por meio dos estudos. De mesma forma, dedico à minha orientadora Silemar, que guiou meus passos nessa trajetória que com certeza contribuíram muito nesta conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por sempre caminhar ao meu lado, me abençoando e confortando em inúmeros momentos em que precisei para não desistir dessa etapa.

À minha avó materna, Maria de Souza Marcelino, por me ajudar financeiramente e também por ser uma excelente ouvinte nos meus momentos de estudo e reflexão.

À minha mãe, Viveika Eleonora Marcelino, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando, apoiando e sendo muito compreensiva.

Ao meu pai, Vilmar Pereira de Guimarães, que quando podia ficava me esperando na parada do ônibus para me buscar quando eu descia do transporte e, também, por realizar alguns trabalhos acadêmicos que exigiam força.

À minha orientadora, Silemar Maria de Medeiros da Silva, que me guiou com seus conhecimentos nessa jornada, me fazendo pesquisar, estudar e refletir e, acima de tudo, que acreditou em ao embarcar comigo nessa pesquisa.

Ao Jefferson Ribeiro Borges, que é mais do que um amigo: um companheiro que teve imensa paciência durante os últimos meses, me dando carinho e apoio em muitos momentos.

À minha prima Gabriela de Souza, que me acompanhou durante as visitas realizadas nas instituições para as coletas de dados dessa investigação.

À todas as escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, que me receberam e permitiram que eu acessasse os documentos escolares imprescindíveis à realização dessa pesquisa.

À minha madrinha Delir Vieira, à colega de transporte Rosana Martins e à minha aluna Móira Cardoso Roque, por me fornecerem imagens que também contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

À professora Amalhene Baesso Reddig, que durante meu primeiro estágio tornou-se a primeira pessoa a me incentivar a nutrir este olhar voltado para a cultura local de minha cidade.

À Carine Oliveira Teixeira, por ter sido um exemplo admirável de profissional, e não meramente uma colega de trabalho.

Aos membros da banca examinadora, por aceitarem contribuir com esta investigação através do compartilhamento dos seus conhecimentos.

Seria injusto de minha parte se não mencionasse as pessoas que em outros momentos, durante esses quatro anos de graduação, me ajudaram de alguma forma. Deixo registrado meu agradecimento a todos estes: os colegas de trabalho e amigos, que muitas vezes me deram atenção ao ouvir meus desabafos; a prima Maiara de Guimarães Rocho, que foi minha guia nos primeiros dias como acadêmica e uma grande companheira de viagem durante dois anos; as amigas Ana Paula Rebelo, Franciele de Souza, Dieine Colares e Catrine Cardoso, que gentilmente buscavam os livros na biblioteca para mim quando eu não poderia retirá-los ou faziam a devolução; aos demais colegas de transporte, pelas trocas de experiências por meio do diálogo durante as viagens até a UNESCO; às minhas amigas do curso de Artes Visuais – Licenciatura, Aline dos Santos Pedroso e Aline Ferreira Medeiros, que me acompanharam nos momentos felizes e difíceis dessa trajetória de quatro anos; aos professores e demais colegas do curso, por contribuírem para o meu crescimento enquanto acadêmica, enquanto profissional e enquanto pessoa.

À todas as pessoas mencionadas aqui, meus sinceros agradecimentos.

“Em um conceito já clássico do século XXI, a cultura é vista como civilização, como um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, leis, tecnologia, costumes, parentescos, religião, magia, além de muitas outras capacidades e habilidades adquiridas pelos seres humanos enquanto membros da sociedade.”

Ivone Mendes Richter

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa foi o de ampliar olhares sobre o trabalho dos professores de Artes das escolas da Rede Pública do Município de Sombrio – SC, considerando os registros em seus diários de classe, se abordam questões sobre a cultura local. Para alcançar este objetivo, a pesquisa realizada foi basicamente documental, ainda que o trabalho de acesso às fontes primárias nos permita dizer que a pesquisa possui características de uma pesquisa de campo. No total, foram analisados os registros dos diários de classe de seis professores. A forma de abordagem dos dados coletados é qualitativa, na linha de Educação e Arte, tendo como natureza uma pesquisa básica. A pergunta de pesquisa que se busca responder aqui é: Qual o lugar da cultura local, nas propostas pedagógicas dos professores de Artes, das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, considerando seus registros nos diários de classe de 2013? A fundamentação teórica foi elaborada a partir do diálogo com Bosi (2000); Martins, Picosque e Guerra (2010) e Oliveira (2011 e 2013), além de outros autores que tratam das questões sobre arte, ensino da arte, cultura, a relação entre arte e cidade, planejamento, currículo e diário de classe. Como se poderá perceber, cheguei à conclusão de que as expressões regionais e a cultura local da cidade realmente foram abordadas, o que permite afirmar que há concordância entre os registros dos diários de classe dos professores das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC do ano de 2013 e o que diz a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96.

Palavras-chave: Arte. Ensino da arte. Cultura. Cidade. Diário de classe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização da cidade de Sombrio no estado de Santa Catarina	23
Figura 2 – Mapa da cidade de Sombrio	24
Figura 3 – Calçadão de Sombrio, realizado pelo artista plástico Jone César Araujo, 2000	25
Figura 4 – A Imperatriz Teodora (pomenor), do século VI, São Vital, Ravena	26
Figura 5 – Imagem do mosaico: Composição étnica, Jone César Araujo, 2000	28
Figura 6 – Gruta Furnas	29
Figura 7 – Lagoa de Sombrio	29
Figura 8 – Vista externa da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua	30
Figura 9 – Vista interna da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua	31
Figura 10 – Imagem do Padre João Adão Reitz.....	32
Figura 11 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua ainda em construção.....	32
Figura 12 – Imagem da vista interna da Olaria Martins Sul.....	33
Figura 13 – Produção e secagem da cerâmica	34
Figura 14 – O tear manual.....	34
Figura 15 – Pescador nas margens da Lagoa de Sombrio	35
Figura 16 – Imagem do Engenho	35
Figura 17 – Imagem do mosaico imagético.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Conteúdos/atividades e Diários de classe.....	54
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
CEB	Pareceres da Câmara de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 PARA INICIAR A CONVERSA	13
1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	14
1.2 MAPEANDO OS CAPÍTULOS	16
2 DE QUE ARTE ESTAMOS FALANDO?	18
2.1 CONCEPÇÕES DE ARTE	18
2.2 A RELAÇÃO ENTRE ARTE E CIDADE	20
2.3 CULTURA LOCAL: SOMBRIO – SC EM MOSAICO	22
3 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE	388
3.1 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL	388
3.2 ENSINO DA ARTE EM SOMBRIO – SC: PLANEJAMENTO ESCOLAR E CURRÍCULO	422
3.3 DIÁRIO DE CLASSE: QUE PAPEL ELE CONTEMPLA?.....	46
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	499
5 PROPOSTA DE CURSO	566
6 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	622
APÊNDICE(S)	65
APÊNDICE A – DVD AS AVENTURAS DE CURIOSO	66
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO....	67

1 PARA INICIAR A CONVERSA

Enquanto acadêmica de Artes Visuais - Licenciatura, especificamente na disciplina de estágio I¹, durante a 5ª fase, fui alimentando as primeiras sementes dos questionamentos que trago nessa pesquisa. A partir dos artistas abordados no início do projeto de estágio, fui questionada sobre a razão de tê-los escolhido. Recordo-me que à época minha resposta teve estreita relação com a cultura local da cidade onde resido, Sombrio – Santa Catarina (SC), tendo criado em mim o primeiro impulso de pesquisa: a curiosidade científica a respeito do papel desempenhado pelo tema “cultura local” nas propostas pedagógicas dos professores de Artes. Apresentei uma proposta, que foi evidenciando a Lagoa de Sombrio, que é um patrimônio natural da cidade.

A temática da presente pesquisa é a *Cultura Local*, assunto que emerge da necessidade de atender ao direito dos estudantes sombrienses de ter acesso a uma formação cultural mais significativa e que os aproxime, em termos culturais, da sua própria realidade local. A cultura local é tema fundamental para o (re)conhecimento e construção do sujeito durante o processo ensino-aprendizagem, razão pela qual, para Richter (2004, p. 142), “os educadores devem criar ambientes de aprendizagem [...], a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas”.

Em face da relevância do tema, o fio condutor que irá conduzir toda nossa investigação ao longo deste trabalho será responder à seguinte questão-problema: **Qual o lugar da cultura local, nas propostas pedagógicas dos professores de Artes, das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, considerando seus registros nos diários de classe de 2013?** Dito isso, podemos já pontuar nosso objetivo geral nesta pesquisa, que será ampliar olhares sobre o trabalho dos professores de Artes das escolas da Rede Pública do Município de Sombrio – SC, considerando os registros em seus diários de classe, se abordam questões sobre a cultura local. Para responder à nossa questão-problema, deveremos antes responder algumas questões mais básicas, a fim de contextualização e conceituação do debate que faremos. Algumas dessas perguntas são as seguintes: Qual o

¹ Disciplina ministrada pela Professora Ma. Amalhene Baesso Reddig.

conceito de cultura? Qual a contribuição da cultura local para a formação dos sujeitos? Qual o papel do diário de classe? O que os professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC registraram no diário de classe sobre as suas ações em sala de aula ao longo do ano de 2013? O que é registrado nos diários respeita o que diz a Lei de Diretrizes e Bases — LDB — com relação às expressões regionais? Por essa razão, os objetivos específicos consistem em: a) Conhecer a cultura local do município de Sombrio – SC; b) Identificar a relação entre arte e cultura local da cidade; c) Perceber se os professores das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, evidenciam a cultura local nas aulas de Artes por meio de seus registros nos diários de classe; d) Refletir se há concordância entre os diários de classe dos professores de Artes e o conteúdo da Lei nº 9.394/96.

Em face da Lei nº 9.394/96, a necessidade de investigar se a cultura local é — ou não — abordada nas ações pedagógicas dos professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal, considerando os registros de seus diários de classe, que por si só já justifica o esforço de pesquisa aqui realizado.

1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS

Por se propor a estabelecer diálogo entre a pesquisa e o processo ensino-aprendizagem a respeito da inserção do tema “cultura local” nas propostas pedagógicas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, a presente pesquisa, se situa no interior da linha de pesquisa em Educação e Arte, já que esta linha de pesquisa tem como “princípios teóricos e metodológicos os [...] Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação”, segundo as normas do próprio Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, disponíveis no próprio site² desta instituição.

Toda pesquisa requer uma investigação aprofundada de uma determinada questão, independentemente de suas ramificações. A pesquisa é o ato fundamental que permite ao homem conhecer o que até então era desconhecido, além de ser o ato capaz de atualizar o conhecimento para que ele mantenha-se fiel

² <http://www.unesc.net>

à realidade do mundo. Uma pesquisa científica surge do interesse de um pesquisador em investigar acontecimentos que de algum modo sejam significativos e inquietantes para si e que possuam alguma relevância para a sociedade em que ele vive. Para Minayo (2009, p. 16):

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos.

A presente pesquisa tem como título: Arte e Cultura Regional: Reflexões a partir dos diários de classe dos professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC. Para Zamboni (1998, p. 49) “toda e qualquer pesquisa só existe em função da existência de um problema [...]”, nesse sentido, aponto para a seguinte problematização: Qual o lugar da cultura local, nas propostas pedagógicas dos professores de Artes, das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, considerando seus registros nos diários de classe de 2013? A forma de abordagem desta pesquisa será qualitativa, já que a investigação procura responder questões da realidade que não correspondem à quantidade, mas sim à qualidade, que para Vianna (2001, p. 122):

[...] analisará cada situação a partir de dados descritivos, buscando identificar relações, causas, efeitos, consequências, opiniões, significados, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada e que, geralmente, envolve múltiplos aspectos.

É necessário ressaltar que quanto à sua natureza de pesquisa, trata-se de uma pesquisa básica que “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço de Ciência, sem aplicação prática prevista” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 34), pois tem como foco apresentar novas questões relacionadas com o tema investigativo. Dessa forma, o procedimento técnico da pesquisa será documental, já que ele é “o conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou [...]” (MINAYO, 2009, p. 26-27). Ainda assim, o procedimento técnico relacionado propriamente à coleta de dados possui todas as características da pesquisa de campo. Para Minayo, uma pesquisa de campo “[...] combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras

modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros” (2009, p. 26). Depois de levantados os dados, o tipo de pesquisa será o descritivo, já que se trata de um “[...] estudo detalhado de uma determinada situação-problema ou fato [...]”, realizado para que se possa “[...] elencar e relacionar as variáveis que interferem em suas relações [...]” (VIANNA, 2001, p. 131).

Como os instrumentos de pesquisa serão os diários de classe dos professores de Artes em questão, foi necessário pedir a devida autorização às autoridades competentes para que pudesse ter acesso a eles. A solicitação para a investigação desses documentos deu-se a partir da relação com o diretor da escola, por meio de um termo de consentimento (Ver apêndice B), sendo que em todas as escolas foram realizados os mesmos procedimentos. Cinco das oito escolas foram visitadas apenas uma vez, enquanto que outras três escolas foram visitadas duas vezes. Os documentos foram analisados no próprio ambiente escolar, assim como foram geradas cópias dos mesmos para que se pudesse revisar e refinar a análise de seus conteúdos. Na descrição dos documentos que consta neste estudo não foram identificados os nomes das escolas e de seus professores de Artes.

O campo de pesquisa contempla onze professores de Artes das oito escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC. Após as visitas, foram levantados seis diários de classe. O tempo utilizado para levantar todos os documentos disponibilizados sobre a coleta de dados foi de aproximadamente vinte dias, tendo ocorrido a coleta entre a metade do mês de setembro e início do mês de outubro do ano de 2013.

No decorrer dessa pesquisa, ao fazer as coletas de dados e desenvolver a escrita dessa investigação, também foi preciso realizar uma proposta de curso que se faz como exigência desse Trabalho de Conclusão de Curso. Proponho a troca de experiências coletivas do qual reflete no tema desta pesquisa (Cultura local) ao dar ênfase na LDB no que se refere às expressões regionais, em específico na cultura local da cidade de Sombrio – SC, que será melhor detalhado no capítulo dois.

1.2 MAPEANDO OS CAPÍTULOS

Inicialmente, no primeiro capítulo serão tratadas questões gerais deste

estudo, tais como a metodologia e uma parte de sua fundamentação teórica.

O segundo capítulo busca discutir o conceito de arte, de modo que fique claro *De que arte estamos falando*³. São três os seus subtítulos: o primeiro deles trata sobre a compreensão das concepções de arte; o segundo faz relação entre arte e cidade ao evidenciar as possíveis relações que existe entre ambos, por meio de seus elementos e de suas características; o terceiro apresenta recortes da cultura local da cidade de Sombrio – SC, contada de uma forma imagética como peças do mosaico que se juntam a cada parágrafo escrito, terminando por formar o desenho da cidade. Para tanto, o diálogo teórico se dá a partir de Bosi (2000), Coli (1995), Duncum (2011), Farias (2000), Laraia (2006), Martins, Picosque e Guerra (2010) e Zanatta (2011).

O capítulo três, intitulado *O ensino da arte na contemporaneidade*, é dividido em três subtítulos que tratam das seguintes questões: as concepções do ensino da arte no Brasil; o ensino da arte na cidade de Sombrio a partir de alguns conceitos sobre planejamento escolar e currículo para melhor compreendê-los no âmbito escolar; o papel do diário de classe na educação; a forma de abordar o diário de classe no ensino e a sua importância; entre outros. Nesse debate, amparo-me em autores como Duncum (2011), Gandin (2000), Inforsato e Santos (2011), Hernández (2011), Oliveira (2011 e 2013), entre outros.

Na sequência, no capítulo intitulado *Pesquisa de campo*, efetua-se o relato das coletas de dados realizadas nas escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, sendo efetuadas análises desse processo na sequência.

No quinto capítulo é apresentada a *Proposta de curso*, no qual é proposto um encontro, dividido em dois momentos de vivências, diálogos e reflexões a partir da temática: cultura local.

No capítulo de encerramento deste trabalho, intitulado *Conclusão*, são apresentados os resultados da investigação. As referências bibliográficas aparecem na sequência.

³ Destaco em itálico os capítulos dessa pesquisa, para melhor identificar no texto.

2 DE QUE ARTE ESTAMOS FALANDO?

No exercício dessa pesquisa, “costuro” um falar de arte e de cultura regional. Para tanto, se faz necessário pontuar *de que arte estamos falando*. Proponho, neste capítulo, traçar algumas questões que nos aproximem da compreensão do conceito de arte, ao mesmo tempo em que falo de cidade, mais especificamente da cidade de Sombrio – SC.

2.1 CONCEPÇÕES DE ARTE

Quando se trata de arte e de seu significado, vale ressaltar que a mesma é muito ampla e para defini-la com apenas um conceito definitivo e concreto é uma tentativa em vão. Mas nessa caminhada é possível se amparar em diferentes autores na busca de suas concepções. A arte, na sua complexidade, consegue executar diferentes papéis agregando inúmeras formas, por exemplo, ao se expressar um ato.

A forma de como a arte vem sendo representada ao longo de sua trajetória, juntamente com suas mudanças que ocorreram e ocorrem constantemente, faz relação com o ser humano, no que diz respeito a busca de uma visão comunicativa desde a pré-história. Nesse sentido, no que diz Bosi (2000, p. 8):

[...] *a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano*. Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o *ser* da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos. [Destaque em itálico do autor]

O exercício da arte possibilita ao ser humano a aprendizagem de novos conhecimentos, além da sua relação com a natureza e com seus semelhantes. Para Coli (1995, p.109):

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas [...]. Domínio fecundo, pois nosso contacto com a arte nos transforma.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de arte, dizem que “o universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo” (BRASIL, 1997, p. 26). Os questionamentos que o ser humano faz a si próprio são para a arte os seus instrumentos estratégicos, pois a mesma tem como característica transformar as perguntas que os homens fazem a si mesmos em reflexão deles próprios, ao contrário da ciência, cujo objetivo está muito mais voltado à resposta das questões propostas.

A tarefa de definir o que de fato é a arte, ou quais formas de manifestação humana podem de fato ser consideradas manifestações artísticas, é muito complexa. Para uma produção artística ser considerada uma obra artística, é preciso passar por etapas, já que dada a incalculável quantidade de criações humanas torna-se praticamente impossível estabelecer limites exatos para o conceito de arte. Ainda assim, Para Coli (1995) existem certos espaços institucionalizados e pessoas de capacidade técnica tão elevada que acabam por assumir o papel de curadores e críticos de arte, servindo ambos para assegurar o que é e o que não é a arte.

Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 15), afirmam que:

O estudo da arte abrange, hoje, a análise das obras de arte tanto quanto a das transformações de seu sentido, realizadas pelos canais de distribuição e pela variável receptividade dos consumidores. Abrange as artes tradicionalmente conhecidas como tais e, também, as atividades não consagradas pelo sistema de belas-artes, como as expressões visuais e musicais nas manifestações políticas, ou aspectos da vida cotidiana. A arte, então, deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura.

Vejo que, no mundo contemporâneo, todo exercício democrático da cultura passou a ser considerado como parte do campo de estudo da arte. Esta forma de pensar a arte é concorrente de conceitos mais rígidos e limitadores da arte, que a consideram como uma esfera restrita de manifestações artísticas que ocorrem em apenas uma parte dos espaços humanos, e não em toda a sociedade. A arte pensada dessa forma mais ampla e contemporânea, da qual falam Martins, Picosque e Guerra, ajuda a desenvolver a identidade e os valores dos povos, evidenciando o seu aspecto mais sensível, imaginativo, mítico, original e criador,

provocando a fruição artística. Dando ênfase ao caráter plural do trabalho artístico, Bosi (2000, p. 71) afirma que:

Hoje, a fusão, tantas vezes dissonante, de grito e maneira poderá levar a uma reconsideração do caráter plural do trabalho artístico, que passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pela garganta, pelas mãos; e pensa e recorda e sente e observa e escuta e fala e experimenta e não recusa nenhum momento essencial do processo poético.

Quando o autor relata as etapas de como é o processo de construir a arte em um trabalho coletivo, é possível estabelecer a relação com a cultura quando o mesmo cita o caráter no plural que resulta nessa cumplicidade existente entre ambos os campos.

Portanto, quando falo de arte, trato-a a partir da perspectiva na qual ela é patrimônio cultural da humanidade. De mesma forma, compreendo aqui, que o ser humano como esse ser em transformação em virtude da arte, já que ele próprio, por meio dos diferentes conhecimentos adquiridos em razão de sua manifestação artística, passa por reações e transformações constantemente, assim como sofrem alterações o lugar ao qual ele pertence (ou os lugares aos quais pertenceu).

2.2 A RELAÇÃO ENTRE ARTE E CIDADE

Dois campos tão complexos como a arte e cidade nos provocam a percorrer um longo percurso quando estão entrelaçadas, pois ambos apresentam grande variedade de comunicação, contextualização e de cultura por interagir entre si. Apesar de toda a democratização pela qual passou o conceito de arte, nas cidades é possível perceber a arte apresentada muitas vezes em lugares específicos, conforme defende Coli (1995, p. 11), ao dizer que:

Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema “de arte”, filmes que escapam à “banalidade” dos circuitos normais; numa sala de concerto música “erudita”, etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo “arte” às coisas que representam, enobrecendo-as.

Apesar de nosso modo de pensar a arte, entendendo-a como conceito totalizante que considera toda manifestação humana relacionada com a cultura

como uma manifestação propriamente artística, reconhecemos que a partir da perspectiva de Coli torna-se mais simples estabelecer a relação entre arte e cidade, já que o mesmo cita exemplos geográficos ou institucionais de onde há esse encontro, mas isso não significa que a arte pode estar inserida apenas nesses lugares, pois ela pode ser vista em espaços da cidade que talvez não fôssemos imaginar que ela pudesse ser produzida e inserida ali se acatássemos a perspectiva de Coli por completo.

Quando falamos de cidade, uma das primeiras hipóteses que surgem sobre ela são as mudanças de ambientes deste local e as diferentes pessoas, ações, gestos, maneiras de se vestir, caminhar, entre inúmeras outras coisas que caracterizam cada indivíduo, mas que podem nos levar a relacioná-los com a arte, pensando-as a partir da sua estética, por exemplo.

O que seria da arte sem as mudanças, as diferenças das pessoas e demais suposições? Podemos dizer que essa “mala” da arte teria poucas bagagens se não fosse entrelaçada pelas cidades, que tem como principal elemento o movimento de ir e vir das pessoas.

O objetivo da comparação da arte com uma mala é a de mostrar que a arte se move pelos espaços nos quais existe circulação de pessoas. Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 191) afirmam que “é da arte se mover na invenção traçando suas veredas no múltiplo. Invenção que nos permite ver pontos de vista sobre o mundo por meio de múltiplos sentidos, aspectos, contextos, procedimentos na criação”. É por meio da ideia de que a arte necessita de movimentação, que fica evidente que a mesma, para realizar esse percurso de se movimentar, precisa de uma dimensão espacial; neste caso, cidades.

Quando o assunto é arte e cidade, para Zanatta (2011, p. 34):

A compreensão depende do conhecimento pré-existente que temos a respeito daquilo que ouvimos, lemos ou vemos. Assim, quando passamos diante de um monumento cuja importância histórica desconhecemos, apenas olhamos para ele sem, realmente, vê-lo. Porém, à medida que **conhecemos sua importância histórica, seu significado como referência identitária para a cidade, passamos a vê-lo com “outro olhar”**. Quanto mais vamos aprendendo a seu respeito mais **conseguimos inseri-lo na vida da cidade ou, por extensão, na nossa própria**. E cada vez que por ele passamos, fazemos dele uma nova leitura. [grifo meu]

Arte e cidade andam juntas e é fundamental o conhecimento adquirido culturalmente para que se possa dar mais valor e significado para ambas em nosso cotidiano. Desse modo, esse casamento entre arte e cidade é feliz no que diz respeito à disponibilização visual principalmente por apresentar algum tipo de estética a partir do qual os indivíduos modificam-se através da ampliação de seu horizonte cultural que ocorre pela observação desta estética, observação esta que só pode ocorrer quando os indivíduos interessam-se pelas características da obra artística e se encantam com a sua forma.

A relação entre arte e sua instância espacial de manifestação, a cidade, também fica evidente quando consideramos o conceito de cultura visual. Duncum (2011, p. 21) diz que:

Se tal abordagem diverge de outras, tradicionais e humanísticas, que compreendiam a arte como a expressão de uma humanidade essencializada e não problemática, seu tema contrapõe-se a uma arte-educação modernista focada exclusivamente nas belas-artes. A cultura visual é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas [...].

Nesse sentido, é visível de que a cultura visual tem um papel significativo tanto para a arte como para a cidade porque, por meio do contato visual do sujeito sobre a cultura visual, o observador é remetido a uma série interminável de lembranças a respeito de conhecimentos e experiências das mais diversas adquiridos ao longo do tempo e que são remetidos à lembrança pelo objeto que estimula seu sentido da visão. Duncum (2011, p. 21) afirma que “uma imagem está conectada à outra, que por sua vez está conectada a uma terceira; imagens associam-se à literatura, poemas, letras de canções e filosofias de vida.”.

Portanto, a partir da relação que há entre arte e cidade, a segunda, procura preservar seus espaços artísticos e demais espaços, enquanto a primeira procura evidenciar os novos conhecimentos, ou seja, quanto mais nos aproximamos de uma, melhor compreendemos a outra e vice-versa.

2.3 CULTURA LOCAL: SOMBRIO – SC EM MOSAICO

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, a cidade de Sombrio foi instalada⁵ em 04 de abril de 1954, localizada no extremo sul do estado de Santa Catarina (SC), possuindo uma área de 143.329 km² e atualmente com aproximadamente 27 mil habitantes.

Sombrio foi emancipado em 30 de dezembro de 1953, pouco antes de sua instalação. É uma cidade que está distante 30 km da fronteira do estado do Rio Grande do Sul e 245 km da capital do estado, Florianópolis. A cidade de Sombrio é uma das cidades da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC.

Figura 1 – Localização da cidade de Sombrio no estado de Santa Catarina.



Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sombrio>>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁴ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é uma fonte de dados/informações referente ao país do Brasil sobre questões públicas. Disponível no site: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 01 out 2014.

⁵O termo *instalada* vem da palavra instalar que se refere ao conceito de inauguração, conforme pontua o dicionário de português online Michaelis, disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em:01 out. 2014.

Figura 2 – Mapa da cidade de Sombrio.



Fonte: Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=421770&searcados-gerais-do-municipio&lang=>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

Esta terra tão especial denominada Sombrio — na qual atualmente resido — possui inúmeros valores culturais. Antes de destacá-los, vale imaginar essa cidade como uma obra em mosaico; Climent (1998, p. 6) aponta que:

No essencial a realização do mosaico não tem sofrido variações ao longo do tempo e baseia-se na colocação de tesselas de pedra ou de pasta vítrea sobre um determinado suporte, seja ele de pavimento ou mural, revestindo uma escultura ou um objeto.

A partir da concepção de Climent, é possível evidenciar ainda que o mosaico é conhecido por possuir peças com formas e cores diferentes, sendo um trabalho artesanal e manual. A cidade de Sombrio será desenhada nessa escrita, remetendo-se a essa ideia do mosaico como uma metáfora, sem deixar de considerar a própria representação dessa cidade estampada nos mosaicos do calçadão. Trata-se de um projeto elaborado pelo artista plástico Jone Cesar Araújo⁶, utilizando a técnica do mosaico, através da qual fragmentou algumas histórias de Sombrio em quatorze momentos que melhor simbolizam a cultura da cidade, tendo posteriormente registrado-as no calçadão do centro da cidade.

⁶Jone Cesar Araújo (1956), artista plástico, natural da cidade de Morro da Fumaça/SC. Disponível em: <<http://www.alquimidia.org/masc4/index.php?mod=acervo&ac=autor&id=196>> Acesso em 05 out. 2014.

Figura 3 – Calçada de Sombrio, obra do artista plástico Jone César Araujo.



Fonte: <<http://www.caminhodoscanyons.tur.br/municipios14/sombrio/atrativos/36/calcao-cultural.html>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

Tratar a cidade de Sombrio como uma obra em mosaico é vislumbrar a arte enquanto cidade por meio da cultura local. Ao fazer essa relação é possível contemplar a arte ao lembrar obras em mosaicos criadas em toda a história da arte e relacioná-las com a contemporaneidade. A respeito da história do mosaico enquanto obra de arte, Climent (1998, p. 10) afirma que:

Se inicialmente as cenas figuradas da Suméria estavam cortadas em pedra e, na Grécia, os mosaicos eram de pavimento com eixos rolados, com os Romanos vir-se-á alcançar um grande esplendor, através do uso de tesselas de mármore. Os bizantinos transladam os mosaicos para as paredes e utilizam tesselas da pasta vítrea. Nos séculos posteriores esta arte mantém-se, contudo sem o ímpeto dos precedentes. Actualmente, com a introdução de conceitos abstractos nas composições, integram-se novos materiais, com tesselas de formas variadas e de grandes dimensões, impensáveis em outras épocas.

Assim, a obra *A Imperatriz Teodora (pormenor)*, do século VI, São Vital, Ravena (Figura 03), que simboliza a arte bizantina, da qual, Climent (1998, p. 14) diz que “introduzem-se novas técnicas com as tesselas recobertas de prata, que se

misturam com as de ouro, produzindo cambiantes e efeitos de luz espetaculares [...]”, ou seja, revela o mosaico como uma técnica bastante antiga.

Figura 4 - A Imperatriz Teodora (pormenor), do século VI, São Vital, Ravena.



Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/pegrino/5222070869/>>. Acesso em: 14 set. 2014.

Escrever brevemente sobre a história da cidade de Sombrio por meio dessas peças é dar ênfase à suas expressões regionais, que desenham de forma poética um mosaico imagético. A primeira peça desse mosaico, a ser comentada, deve ser a origem curiosa da nomenclatura dessa cidade que encanta cidadãos com suas fascinantes histórias. Farias (2000, p. 30) pontua uma delas ao dizer que:

[...] os tropeiros, ao tangerem o gado pela região, alimentavam suas boiadas junto à lagoa, antes de se aventurarem na subida da serra, utilizando a sombra das figueiras para pousarem. Face ao movimento das águas do rio da Lage, associavam toda massa da água da região do rio, identificando a área de repouso como sendo “sombra do rio”, que evoluiu para **Sombrio**: local de sombra sobre o rio. [Grifo do autor]

Ao longo do tempo, essa localidade cresceu juntamente com o esforço de seus colonizadores. A cidade de Sombrio é caracterizada por meio de seus valores culturais, mas para falar disso é importante destacar o que significa cultura, para posteriormente poder compreender seus valores. Nesse sentido, me amparo no dizer de Laraia (2006, p. 25) quando cita Tylor:

Foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocabulário inglês Culture, que “tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Conhecendo o significado de cultura, nos seus primórdios, é importante compreender o conceito de cultura contemporaneamente, na perspectiva de Certeau (2001, p. 106), que afirma que a própria cultura “[...] indica à cultura sua própria definição ao remeter o saber estabelecido a uma prática do pensamento, e os objetos conceituais que ela veicula aos sujeitos que as produzem”. Isto quer dizer que a cultura aponta sua própria definição acerca de seu saber, mas é importante ressaltar que seus conhecimentos são extraídos de seus valores que a mesma adquire em sua trajetória. Os valores são essenciais para a formação da cultura, já que evidencia seu conteúdo e suas ideias para a sociedade, para que assim a cultura seja transmitida como uma corrente aos indivíduos que compõe a sociedade.

Mais do que um conjunto de “valores” que devem ser defendidos ou ideias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social. Por esse motivo, impõe-se uma operação preliminar que vise a determinar, no fluxo fecundo da cultura: um funcionamento social, uma topografia de questões ou tópica, um campo de possibilidades estratégicas e das implicações políticas. (CERTEAU, 2011, p. 192)

Entende-se que a cultura norteia os trabalhos coletivos a partir de seus valores ao evidenciar suas ideias para a sociedade, para que assim, ela seja transmitida como uma corrente aos indivíduos que compõe a sociedade. Logo, a segunda peça desse mosaico imagético é referente aos descendentes portugueses, italianos e alemães, para citar alguns exemplos, que ao trazerem a sua cultura para esta terra, primeiramente colonizaram este recorte geográfico atualmente chamado Sombrio. Afirma Farias (2000, p. 31):

Sombrio, como outras povoações do sul catarinense, resultou da fusão de diversas culturas; índios, luso-açorianos, italianos, alemães, poloneses e outros povos que, mais recentemente, ajudaram na construção da comunidade sombriense, que apresenta alguns valores culturais bastante originais, verdadeira sobrevivência de culturas seculares.

Segue, abaixo, a imagem do quarto mosaico do Calçadão Cultural de Sombrio, que se insere não mais como metáfora e contempla a composição étnica da cidade de Sombrio.

Figura 5 – Imagem do mosaico: Composição étnica, Jone César Araujo, 2000.



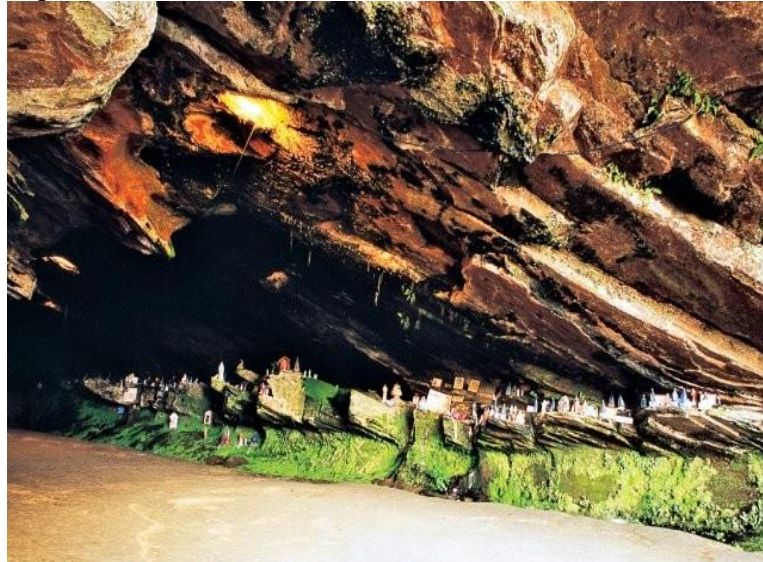
Fonte: Disponível em: <<http://www.caminhodoscanyons.tur.br/municipios/14/sombrio/Atrativos/36/calca dao-cultural.html>>. Acesso em: 12 out. 2014.

Sobre a imagem acima, me amparo na ideia de Zanatta (2011, p. 43) ao dizer que “é na mistura das etnias que se forma um número grande de ‘bens’ que compõe o patrimônio cultural de um povo, de um município ou até de uma nação [...]”, pois é com vinda de diferentes povos que Sombrio herdou seus valores culturais.

Outra peça importante dessa obra são os paisagismos, situados em determinados lugares da cidade, que fazem com que ela seja (re)conhecida por suas belezas naturais, tais como as Furnas (Figura 6), que representam um lugar religioso no qual as pessoas fazem suas promessas e, também, por encantar com suas

rochas e a Lagoa de Sombrio (Figura 7) que associa com a tranquilidade, lembranças de momentos e de histórias que a partir dela surgiram.

Figura 6 – Gruta Furnas.



Fonte: Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santacatarina/vera-o/2013/noticia/2013/02/furnasguardam-historias-e-misterios-e-sao-locais-de-devocao-no-sul-de-sc.html>>. Acesso em: 25 out. 2014.

Figura 7 – Lagoa de Sombrio.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Além dos recursos naturais que embelezam a cidade com sua visualidade estética e também por meio da oralidade de sua significância para os sombrienses, é de extrema importância citar o patrimônio histórico, que “abrange muito mais do que construções antigas e que, além disso, trata também da preservação do patrimônio”

(ZANATTA, 2011, p. 36). Pensando nisso, cito como exemplo, a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, que encanta com o seu estilo arquitetônico gótico, o grau de detalhamento de seu acabamento, tanto externo (Figura 8) como interno (Figura 9), sensibilizando qualquer visitante por sua estética e por sua história. Teve como idealizador o Padre João Adão Reitz⁷.

Figura 8 – Vista externa da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua.



Fonte: Disponível em: <<http://www.diocesecriciuma.com.br/c.php?codigo=699>>. Acesso em: 25 out. 2014.

⁷ Padre João Adão Reitz, faleceu em 1984, aos 80 anos, conforme consta no site do Correio do Sul. Disponível em: < <http://www.grupocorreiodosul.com.br/jornal/noticias/variedades/amem-riavivadepadrejo-oreitzbemguardada/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

Figura 9 – Vista interna da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Sobre patrimônio histórico, em específico patrimônio imaterial, me amparo no dizer de Teixeira (2009, p. 19) ao apontar que: “no patrimônio material se inserem os bens edificados, as construções históricas que, no passado, tiveram momentos de glória na vida das cidades, objetos que mostram o costume de um povo, entre outros”. Nesse sentido, a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, é um patrimônio material significativo para a cidade, pois uma das pessoas que tanto batalhou para que esta construção foi o Padre João Adão Reitz, conforme consta na página da *Jl News*⁸ sobre esse:

Sombrio era apenas um pequeno vilarejo formado por algumas famílias católicas quando recebeu, em 06 de dezembro de 1937, um novo morador. [...] Com muita simplicidade e determinação, o sonhador Padre João Adão Reitz pisou nas terras que serviram de base para todos os seus grandiosos projetos. Em poucos meses, após sua chegada, em 31 de maio de 1938 conseguiu a autorização para criar uma nova paróquia. [...] No dia 14 de setembro de 1940 começou a erguer a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, que hoje dá identidade e caracteriza a cidade.

Mencionar o Padre João Adão Reitz (Figura 10) nesta pesquisa é uma pequena homenagem para esta pessoa que muito batalhou por Sombrio – SC, ao dar início aos primeiros passos que a cidade necessitava após obter a emancipação; por exemplo, ao fazer a reurbanização, um grande avanço para a cidade em sua

⁸ *Jl News* é uma revista online de notícias, sendo que seu local de trabalho é na cidade de Içara – SC. Disponível em: <<http://jinews.com.br/home/>> Acesso em: 12 out. 2014.

época. Ainda, foi o Padre João Adão Reitz quem teve a ideia de criar uma igreja para a cidade; foi o responsável pela escolha do seu estilo arquitetônico, tendo unido muitos religiosos para a sua construção bem como para as missas realizadas e outros eventos que o Padre organizou.

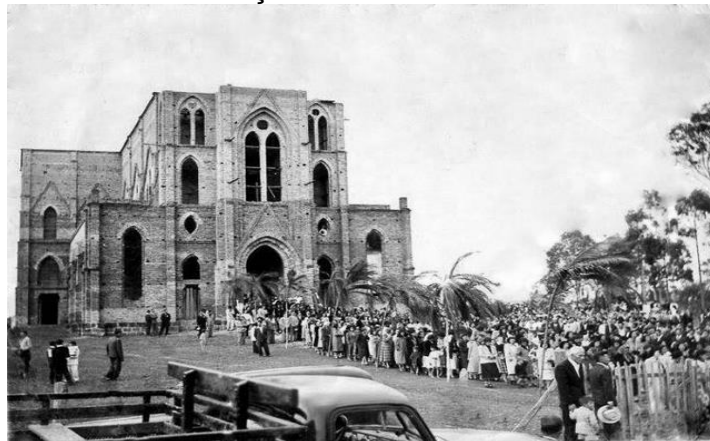
Figura 10 – Imagem do Padre João Adão Reitz.



Fonte: Disponível em: <<http://www.igrejadesantoantonio.com.br/parouquia/padres/>>. Acesso em: 25 out. 2014.

Na imagem abaixo (Figura 11), é possível perceber que mesmo a igreja não estando pronta os seus fieis estavam ali presentes, participando do que o vigário dava início, representando uma comunidade unida tanto na fé quanto no trabalho.

Figura 11 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua ainda em construção.

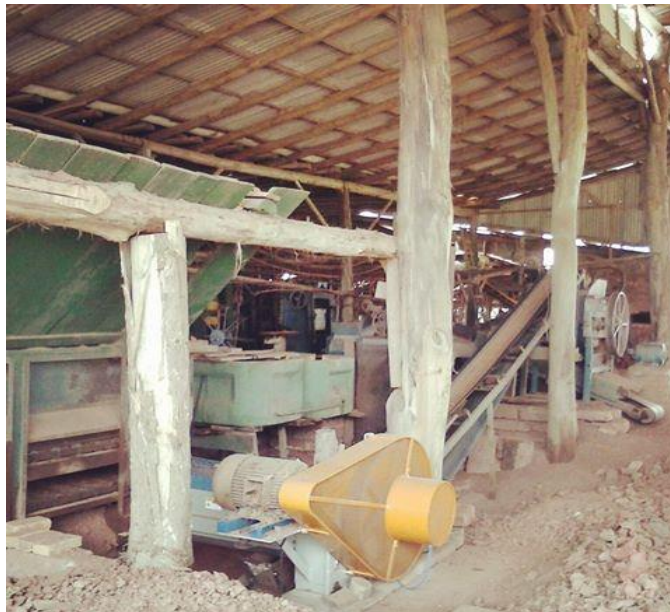


Fonte: Disponível em: <<http://www.jinews.com.br/home/ver.php?id=210855>>. Acesso em: 25 out. 2014.

Voltando à ideia de Zanatta a respeito da valorização do patrimônio histórico, é importante valorizar e mencionar aqui também, a cultura desse local enquanto às suas atividades econômicas, que se fazem presentes quanto à história que compõe esse mosaico. Exemplo dos primórdios da formação econômica do município são os trabalhos artesanais realizados em teares para a fabricação de tapetes (Figura 14), a pesca nas margens das águas da Lagoa de Sombrio (Figura 15), o engenho (Figura 16) e as olarias (Figura 12 e 13). A respeito das olarias, Coelho (2003, p. 280) afirma que “[...] as fabriquetas de tijolos, cujo barro era prensado em caixinhas de madeira, e as telhas feitas nas coxas, deram lugar às grandes cerâmicas”.

A imagem abaixo de uma parte da cerâmica Martins Sul (Figura 12), além de representar um setor da antiga economia de Sombrio que ainda permanece na cidade, mostra como era o ambiente no qual era realizado o processo de fabricação dos produtos cerâmicos no passado.

Figura 12 – Imagem da vista interna da Olaria Martins Sul.



Fonte: Rosana Martins.

Ainda sobre a cerâmica Martins Sul, é possível perceber o quanto as telhas são frágeis quando saem do processo de produção e vão para a secagem, além de perceber como elas são cuidadosamente organizadas por seu produtor, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 13 – Produção e secagem da cerâmica.



Fonte: Rosana Martins.

Uma atividade artesanal que atualmente poucas pessoas utilizam como fonte de geração de renda é a confecção de tapetes em teares manuais. Por muito tempo, o tear manual (figura 14) foi mais do que um trabalho, tendo sido também um momento prazeroso para quem fazia esse entrelaçado de tiras de tecido.

Figura 14 – O tear manual.



Fonte: Delir Vieira.

Figura 15 – Pescador nas margens da Lagoa de Sombrio.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Assim como o trabalho realizado no tear manual, a pesca nas margens da Lagoa de Sombrio (Figura 15) atualmente representa muito mais um hobby do que propriamente uma fonte de renda para os habitantes do município.

A respeito das primeiras atividades econômicas do município, Farias (2000, p. 138) afirma que:

Meados do século XX é o marco do surgimento das primeiras estruturas industriais de produção em maior escala, haja vista que as estruturas industriais de produção artesanal já existiam desde o início do povoamento de Sombrio, constituído dos engenhos de farinha e açúcar.

Figura 16 – Imagem do Engenho.



Fonte: Mória Cardoso Roque.

Na página anterior, uma imagem desconhecida pela maioria dos sombrienses atualmente: a imagem mostra o processo do engenho em uma pequena comunidade da cidade de Sombrio – SC.

Mas como falar da história dessa cidade sem remexer o baú da memória? É impossível não rever as memórias de uma cidade como Sombrio, pois esta é a peça principal da obra desse mosaico imagético. Afinal, uma localização que desperta curiosidade desde seu nome até a sua diversidade cultural, não poderia ser tão complexa se não fosse por meio dessas memórias que acrescentam a cada geração dessa colonização, com as suas lendas urbanas e histórias que os antigos contam e que fazem viver durante anos por meio destas memórias.

A respeito da memória, Zanatta (2011, p. 42-43) afirma que:

A memória é essencial para a nossa identidade, pois nos distinguimos uns aos outros a partir das nossas raízes: onde vivemos, quando, e, principalmente, com quem convivemos. Nessa convivência existem as lembranças que contribuem para a formação da identidade.

É a partir de um olhar sensível e estético que é possível reconstruir por meio da imaginação esses momentos que foram construídos ao longo do tempo por diferentes indivíduos que, através de sua existência, seus conhecimentos e valores, colaboraram para que a cidade se desenvolvesse e se tornasse o que ela é hoje.

Falar de Sombrio ontem, hoje ou amanhã é falar de arte e de cultura ao mesmo instante. É mostrar que ao criar um único mosaico por meio da imaginação e do olhar sensível que estes vêm nos proporcionando, é lembrar que fora dele também existe outros fragmentos que perfazem esta história que podem ser encaixados ao acrescentar nessa obra.

Quando proponho estreitar essa relação de arte e de cultura local ao evidenciar as expressões regionais da cidade de Sombrio, tenho em mente o desejo de os seus cidadãos, em específico os professores de artes e seus educandos, tenham este conhecimento disponível; e que as entrelinhas pontuadas por meio de peças do mosaico realizado pela imaginação de cada um sejam pontos de partida para compreender e valorizar suas tradições culturais.

Como o artista plástico Jone César Araujo fez quatorze painéis em mosaicos a partir do que pesquisou sobre a cidade de Sombrio – SC, compartilho ao final deste subcapítulo a partir de pesquisas também, o mosaico que imaginei

(Figura 17) e desenhei durante essa escrita, que se assemelha mais como uma montagem ao ser produzida por recursos tecnológicos.

Figura 17 – Imagem do mosaico imagético.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Assim, a imagem que criei (Figura 17) durante essa escrita representa o meu amor e carinho pela cidade, ao demonstrar por meio da minha imaginação a história, a cultura, os primeiros trabalhos econômicos dos sombrienses (cerâmicas, engenho, confecção de tapetes em tear manual e a pesca), a religiosidade, os paisagismos (gruta Furnas e Lagoa de Sombrio), a Igreja Santo Antônio de Pádua, as pessoas que marcaram esse chão, em específico o Padre João Adão Reitz que muito fez por essa cidade quando ainda era um pequeno vilarejo. É a partir disso que ressalto a importância de cada elemento aqui citado, que se faz presente de algum modo em cada pedacinho dessa cidade.

3 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

É importante ressaltar que nesse capítulo proponho discutir algumas questões que cercam a história do ensino da arte no Brasil e também de como o mesmo é desenhado na cidade de Sombrio – SC, ao pontuar alguns conceitos de planejamento escolar, currículo e diário de classe para melhor compreender as suas formas de abordagem nas aulas dos professores de Artes.

3.1 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Ao longo do tempo, a educação em arte passou por muitas modificações, conquistando aos poucos seu espaço dentro das instituições escolares. Desse modo, vale trazer para essa escrita alguns pequenos recortes que marcaram a trajetória do ensino da arte no Brasil e que contribuíram de alguma forma para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, trago um recorte sobre a tendência tradicional nas aulas de Artes, conforme a perspectiva de Fusari e Ferraz (1993, p. 23):

Nas aulas de Arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem.

Por meio da citação acima, é possível perceber que os professores que exerciam a pedagogia tradicional utilizavam uma metodologia de ensino baseada na repetição e memorização do que era abordado em sala de aula. Contudo, surge outra tendência de pedagogia, denominada de Tecnicista.

A tendência tecnicista aparece no exato momento em que a educação é considerada insuficiente no preparo de profissionais, tanto de nível médio quanto de superior, para atender o mundo tecnológico em expansão. [...] nas escolas brasileiras é introduzida entre 1960 e 1970. (FUSARI e FERRAZ, 1993, p. 37)

A partir dessa ideia sobre a tendência tecnicista, entende-se que o governo pretendia que os educandos saíssem das escolas preparados para a realização de trabalhos profissionalizantes em horários contrários aos da escola.

Durante o período em que reinou a tendência pedagógica tecnicista, também ocorria outro tipo de tendência que, por sua vez, já vinha sendo exercida por professores algum tempo antes desta, ou seja, a tendência Escolanovista. A respeito disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de arte apontam que:

Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base na tendência escolanovista. O ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. (BRASIL, 1997, p. 23)

Posteriormente, através da Lei de Diretrizes e Bases — LDB — passou a vigorar a obrigatoriedade do ensino da arte no Brasil. Conforme consta na Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC), “[...] em 1971, com a Lei 5692, o ensino da arte em todo o território nacional passa a ser obrigatório” (SANTA CATARINA, 1998, p. 185). A partir dessa lei, passaram a ser criados cursos de licenciatura em Educação Artística, gerando assim o crescimento da quantidade de profissionais de Artes. Entretanto, para ser um licenciado em Artes o indivíduo realizaria uma graduação com duração de dois anos aproximadamente, e depois de formado teria que contemplar demais linguagens da arte ao mesmo tempo para os seus alunos. Conforme aponta Barbosa (1989, p. 22):

Esses cursos de graduação chamados “Licenciatura Curta em Educação Artística” estão produzindo professores inócuos, uma vez que os administradores pretendem formar em dois anos um professor que, por lei (Lei 5692, de 1971) ensinará, obrigatoriamente e ao mesmo tempo, artes visuais, música e teatro a alunos da primeira à oitava série e até mesmo alunos de segundo grau.

É possível perceber que o tempo da graduação era muito curto para contemplar as linguagens citadas acima. Enquanto isso, ainda no que se refere à obrigatoriedade do ensino da arte nas escolas no ano de 1971, Fusari e Ferraz (1993, p. 15-16) afirmam que:

Com relação à Educação Artística, que foi incluída no currículo escolar pela Lei 5692/71, houve uma tentativa de melhoria do ensino de Arte na educação escolar, ao incorporar atividades artísticas com ênfase no processo expressivo e criativo dos alunos. Com essas características, passou a compor um currículo que proponha valorização da tecnicidade e profissionalização em detrimento da cultura humanística e científica predominante nos anos anteriores.

Segundo as autoras, além de poder perceber a obrigatoriedade do ensino de Artes nas escolas, é possível compreender que nessa época buscava-se a melhoria da educação através da mudança do conteúdo das disciplinas de artes, que perderam seu caráter humanístico para objetivar ganhos de criatividade dos educandos que pudessem aumentar a capacidade técnica/profissional dos alunos. A nomenclatura da disciplina nesse período foi Educação Artística.

Na década de 1980, os professores de Artes passaram a se organizar e unir em prol da melhoria da qualidade da educação artística. Muitas discussões foram promovidas, e a busca pela valorização da educação artística e do professor de Artes acabou gerando bons frutos. Assim, o ensino da arte conquistou maior espaço na educação e passou a ser mais (re)conhecido. A este respeito, na PCSC de arte existe a seguinte afirmação:

Assim, na década de 80, as associações de professores de arte em vários estados brasileiros estruturaram-se, criando a Federação das Associações de Arte-Educadores do Brasil – FAEB, movimento que, paralelo às aberrações na legislação oficial, ativou acirradas discussões sobre o ensino da arte. Organizaram-se eventos que chegaram a reunir até 2700 professores. Muito se discutiu, muito se trabalhou para uma melhoria da qualidade do ensino da arte. (SANTA CATARINA, 1998, p. 186)

Após as discussões dos professores referentes à sua valorização, ainda nesse período da década de 1980, surgiu uma nova metodologia de ensino. Sobre a nova metodologia, o PCN de artes afirma que:

Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica⁹. (BRASIL, 1997, p. 25)

Essa proposta metodológica, criada por Ana Mae Barbosa, abriu novos caminhos para os professores de Artes (entretanto, a luta dos professores de Artes para ter essa área de ensino obrigatoriamente nas escolas continua). Na década de 1990, a LDB nº 9.394/96 instituiu a obrigatoriedade do ensino de artes em todos os níveis. Segundo texto da PCSC de arte:

⁹ O fazer, apreciar e contextualizar são palavras-chaves do termo da proposta triangular criada por Ana Mae Barbosa.

Nos anos 90, novamente iniciaram-se os trâmites da LDB nas instâncias de competência para sua aprovação. A permanência ou não da obrigatoriedade da disciplina tornou-se, outra vez, polêmica nacional. Devido ao intenso movimento dos professores, de norte a sul do país, visando mostrar que arte é conhecimento e que possui um campo teórico específico, conquistou-se a inclusão, no campo da lei, da obrigatoriedade da disciplina em todos os níveis de ensino. (SANTA CATARINA, 1998, p. 186)

Finalmente, através da alteração da Lei nº 9.394/96, entrou em vigor uma nova alteração. Segundo o § 2º da LDB, “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 2014, p. 19). Vale destacar que no final da década de 1990 novamente procedeu-se à mudança da nomenclatura da disciplina de Artes, conforme se pode ler no PCN de arte:

São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. (BRASIL, 1997, p. 25)

A partir dos recortes da história do ensino da arte no Brasil, é possível perceber que o ensino da arte, além de passar por mudanças relacionadas à sua nomenclatura, também passou por modificações pedagógicas importantes. Embora essas mudanças tenham acontecido positivamente para o ensino, existem diversos fatores que ainda necessitam ser acrescentados para que os estudantes possam desenvolver uma aprendizagem significativa e construtora de seus saberes.

Para Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 12) “ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente”. Essas etapas do processo de ensino da arte são as bases ou os eixos da proposta triangular, citada aqui anteriormente. Hernández (2011, p. 44), a respeito do ensino e da aprendizagem em arte, escreve que:

A partir da Educação das Artes e da Cultura Visual, o que pretendemos (no que me empenho) é construir maneiras de aprender que contribuam para criar uma nova narrativa para a Escola (desde a primeira infância até a universidade), na qual: (a) propiciem-se situações e experiências nas quais se possa aprender a estabelecer vínculos entre imagens, objetos, artefatos relacionados com as experiências culturais do olhar e colocá-los em relação com seus contextos de produção, distribuição e recepção, além de com as experiências dos sujeitos; [...]

Com base no pressuposto, entende-se que o autor pretende um ensino da arte distinto e que vai além da proposta triangular. A intenção é a de nortear os educadores para a exploração das situações cotidianas e vivências dos alunos, articulando as propostas pedagógicas com as condições concretas de existência dos educandos, resultando em criações de produções das diversas linguagens das Artes Visuais.

Contemporaneamente, o ensino da arte e demais disciplinas curriculares ganharam aprimoramentos por meio das tecnologias e das mídias, que estão facilitando o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo com o aprendizado dos alunos, bem como também contribuindo com o trabalho dos educadores. A respeito das novas tecnologias, Tourinho e Martins (2011, p. 52-53) afirmam que:

Convivemos com mídias conhecidas (fotografia, televisão e filme); mídias tradicionais (pintura, escultura e design) e, ainda, novas mídias artísticas e multimídias, como a web e o processamento digital. Juntas, essas mídias veiculam imagens de informação, de arte, ciência, ficção, publicidade e cultura popular, enfatizando o papel e importância das visualidades e das mídias visuais no nosso cotidiano e na disseminação de ideias nas esferas pública e privada.

É evidente que o acesso às mídias está presente em muitos espaços e que os alunos estão se apropriando delas por possuírem facilidade de obter informação, de uso social, de comunicação e criação por meio das imagens, imagens em movimento e do áudio, que faz com que suas ideias sejam mais abertas tanto na escola como fora dela.

A partir do foco dessa pesquisa, o próximo subcapítulo trata em específico do ensino da arte em Sombrio – SC.

3.2 ENSINO DA ARTE EM SOMBRIO – SC: PLANEJAMENTO ESCOLAR E CURRÍCULO

Para pensar no ensino da arte na cidade de Sombrio – SC, é fundamental lembrar a importância de dois elementos essenciais para as instituições educacionais: o planejamento escolar e o currículo.

Sobre planejamento escolar, me amparo primeiramente na ideia de Gandin (2000, p, 14), que aponta que “[...] quase como consequência, o fato de

pensar planejamento como uma ‘fabricação de planos’, como um reunir idéias, como ‘bolar’ algo – o que é uma compreensão parcial de planejamento [...]”. Nesse sentido, é possível perceber de que para existir planejamento, de certa maneira há de se ter tido o intuito de se pensar a respeito dos objetivos que se deseja alcançar e dos planos que poderão ser colocados em prática na atuação.

Para Inforsato e Santos (2011, p. 87) planejamento é:

[...] uma ação de pensamento profundo sobre o que se quer da educação dos alunos, quais objetivos que se quer alcançar, quais conteúdos abordar e quais práticas metodológicas devem ser colocadas em ação para que o processo de aprendizagem efetivamente se desenvolva com sucesso. Os planos decorrentes do planejamento são guias valiosos de orientação para professores e alunos terem propósito e direcionamento naquilo que fazem [...].

Sobre a relevância e o papel do planejamento, Gandin (2000, p. 17) afirma que “o planejamento e um plano ajudam a alcançar a eficiência, isto é, elaboram-se planos, implantam-se um processo de planejamento a fim de que seja bem-feito aquilo que se faz dentro dos limites previstos para execução”.

A respeito do currículo do ensino, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Sombrio afirma que:

À palavra currículo associam-se distintas concepções que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, bem como das influências teóricas que as fazem hegemônicas em um dado momento. Diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais contribuem para que o currículo venha a ser entendido como: **os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;** os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino. (SOMBRIO, 2012, p. 23) [Grifo meu]

O currículo foi/é desenvolvido nas instituições escolares a partir de diferentes elementos que fundamentam o seu papel na realidade local. A respeito do currículo, Hernández (2011, p. 43) afirma o seguinte: “sou mais partidário de um currículo integrado, organizado a partir de problemas desafiantes que necessitam do conhecimento disciplinar — e não disciplinador — para procurar, assim, respostas possíveis e propor novas perguntas”. O currículo integrado deve ser elaborado a partir da busca por soluções dos problemas que desafiam os professores a repensarem suas ações pedagógicas.

O currículo pode ainda ser compreendido como um conjunto de regras ou um ponto de referência que permita aos professores elaborar suas próprias propostas pedagógicas originais e que permitam melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

À este respeito, Pimentel (2005, p. 32) afirma que:

[...] todo currículo é uma norma, que pode ser vista tanto como regra obrigatória a seguir quanto como uma referência para se ir além. É essencial que se criem condições para que professores e alunos possam pensar imaginativamente, realizar tarefas que lhes façam confiar em seu potencial e desenvolver sua potencialidade enquanto sujeitos contemporâneos. Sendo o currículo uma construção social e cultural, supõe-se que sua elaboração, além de ser coletiva, tenha uma dinâmica que atenda à prática cultural do contexto onde ele vai ser implantado, proporcionando esse *ir além*.

Então, sobre o ensino da arte em Sombrio – SC, após a concepção de currículo com a qual comungo, remeto-me a refletir sobre o papel do professor de Artes, daquele professor que tem que contemplar demais linguagens.

O que consta na Proposta curricular de Sombrio, defende que:

[...] o educador terá como ponto de partida para o trabalho pedagógico sua linguagem específica de formação, na ausência de um profissional especializado em cada linguagem, sendo que as demais linguagens enriqueceram a proposta de criação e produção. Porém, é preciso atenção para que o encaminhamento interdisciplinar não se perca numa visão fragmentada e distante do projeto de estudo (SOMBRIO, 2012, p. 171)

Em outro momento, o mesmo documento do município pontua sobre o dever dos professores de Artes ao dizer que:

Cabe também aos educadores, no primeiro contato com os educandos, fazer um diagnóstico para identificar o nível de conhecimento que os mesmos apresentam acerca da arte, a fim de dar continuidade ao processo de formação previsto para cada nível de ensino. (SOMBRIO, 2012, p. 178)

Com base na citação acima, é possível compreender que o professor de Artes, antes de fazer uma seleção de conteúdos e organizar seu planejamento, precisa conhecer o nível de conhecimento prévio de arte dos seus alunos, para que assim ele possa planejar e fazer as escolhas de seus conteúdos a fim de que possa contribuir mais fortemente com cada turma em que leciona.

Sobre as escolhas dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, com cada turma, consta na proposta que:

[...] parte do pressuposto de que os conteúdos elencados estão apresentados separadamente para garantir presença e profundidade das formas artísticas nos projetos educacionais e para efeito didático. No entanto, o educador deve reconhecer as possibilidades de interdisciplinaridade entre linguagens de artes para seu trabalho em sala de aula, assim como na integração com as demais áreas do currículo. (SOMBRIO, 2012, p. 177)

De que interdisciplinaridade o documento trata? Para Fazenda (2002, p. 11) “a interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão”. Com base nesse conceito, podemos compreender que a interdisciplinaridade é a formulação de ideias criadas num coletivo, com objetivo que aprendam de forma diferente do tradicional, ao fazer relação com demais áreas do currículo escolar. Mas, o que é interdisciplinaridade entre linguagens de arte, conforme o que diz o documento que norteia o ensino da Rede Pública Municipal de Sombrio? Moreno (2010, p. 22) afirma que interdisciplinaridade “se refere ao que é comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento”. Assim, como a arte é uma área de conhecimento que abrange suas diferentes linguagens, a interdisciplinaridade faz a ligação com duas ou mais linguagens da arte. Desse modo, vale ressaltar que a integração das linguagens é importante acontecer em todos os momentos, sabendo dialogar uma com a outra a partir do que o professor pretende em seus objetivos.

Os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical. Isto significa dizer que o professor de arte terá como ponto de partida, no seu planejamento, a linguagem específica de sua formação. Entretanto, as outras linguagens enriquecem as possibilidades de criação e produção. Contudo, ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata, para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo, evitando, assim, um encaminhamento polivalente ao invés de interdisciplinar. (SANTA CATARINA, 1998, p. 187)

Conforme citado anteriormente nesse subcapítulo pela proposta do município de Sombrio – SC, que tem como referência a proposta curricular em que o mesmo está inserido, ou seja, a proposta pedagógica do município, segundo o

mesmo documento, foi elaborada com base na proposta curricular do estado, sendo formulada por educadores dessa área, em encontros mensais, durante o ano de 2008 a 2012, com o objetivo de nortear o trabalho pedagógico dos professores.

Essa proposta curricular do município é fragmentada em cada área de ensino e o que se refere ao de arte relata sobre currículo, princípios pedagógicos da concepção histórico-cultural, educação inclusiva e a trajetória do ensino de arte no Brasil, não contemplando a história do ensino de arte na cidade de Sombrio – SC, apenas nortear o que se pretende a partir do ensino de arte nas escolas municipais.

É imprescindível que se perceba a importância fundamental do planejamento escolar e do currículo, pois é a partir deles que é possível visualizar o andamento do ensino e aprendizagem dos alunos; se o que foi planejado está sendo efetuado; e o mais importante: a maneira de como estão sendo aplicados nas metodologias dos professores. Para tanto, segue o subcapítulo sintetizando e contemplando o papel do diário de classe, para melhor compreender essa investigação.

3.3 DIÁRIO DE CLASSE: QUE PAPEL ELE CONTEMPLA?

Para ser um profissional eficaz, um dos itens necessários para que isso seja uma realidade é a sua organização. Para a educação, um dos objetos que são utilizados nesse aspecto é o diário de classe do professor, que ao mesmo tempo é uma forma de organização do espaço institucional que organiza por ordem os nomes dos alunos e a classe que esses são matriculados. Além disso, contém um espaço direcionado para avaliar o aluno e outro para que o professor possa registrar seus conteúdos e brevemente a sua metodologia.

No site do Ministério da Educação – MEC, em sua íntegra¹⁰ ao constar no Conselho Nacional de Educação – CNE, nos Pareceres da Câmara de Educação – CEB, nº 37/2004, aprovado em 07 de dezembro de 2004, consta que: “o diário de classe é, sem sombra de dúvida, um instrumento de registro de atividades relativas

¹⁰ Site do Ministério da Educação – MEC, disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2014. E o Parecer CNE/CEB nº 37/2004, aprovado em 07 de dezembro de 2004, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb037_04.pdf>. Acesso e: 20 out. 2014.

ao processo ensino-aprendizagem, contendo informações essenciais sobre frequência e desempenho dos alunos [...]”. Nesse sentido, ao saber os itens que há num diário de classe para ser respondido pelo professor, surge o questionamento do que ele contempla. Para tanto, faz-se necessário o amparo em autores que discutem esse tema.

A percepção dos professores a respeito do diário de classe passou por mudanças ao longo do tempo. Oliveira afirma que:

Pois vínhamos de um exercício em que descrevíamos um processo, em forma de relato descritivo, e passamos a produzir uma escrita reflexiva no diário, em forma de agenciamento, que perdeu parte da sua estrutura, talvez mobilizados pelas leituras que fizemos, talvez mobilizados pelos encontros que tivemos. (OLIVEIRA, 2013, p. 234)

Toda mudança costuma ser construtiva, independente do resultado almejado. É perceptível que houveram alterações importantes no modo dos professores de descrever o diário de classe, através das alterações no tipo de anotações realizadas nesse documento dos professores, por exemplo, que atualmente ainda serve como um registro de cada encontro mas cujas anotações tornaram-se mais reflexivas a respeito do que relatar de cada aula.

Zabalza (2012, s/p.), em um artigo disponível no site do Arte na Escola¹¹, a respeito da escrita no diário de classe comenta que:

Escrever seu próprio diário é a experiência de contar (o que você mesmo faz) e de contar-se a si mesmo (como duplo ator: o ator que realiza as coisas contadas e o ator que as conta). Experiência narrativa que posteriormente tornará possível uma nova experiência, a de ler-se a si mesmo com atitude benévola ou crítica, mas tendo a oportunidade de reconstruir o que foi a atividade desenvolvida e nossa forma pessoal de vivê-la.

O diário de classe é importante também para o professor ao utilizá-lo como um instrumento auto avaliativo, ao lhe proporcionar momentos de flexibilidade de suas ações como pesquisador e mediador de suas aulas. Oliveira (2011, p. 186) afirma que:

¹¹ Instituto Arte na Escola. Sala de leitura, Artigo: Os diários de classe dos professores, de Miguel, A. Zabalza. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69407>>. Acesso em 30 set. 2014.

Por meio do diário nos é ofertada a possibilidade de ir mais devagar, desacelerar, rever nossas ações, voltar atrás e perceber o que temos planejado como aula, o que temos proposto aos nossos alunos, o que temos discutido como pontos de importância e examinar estes espaços de interlocução.

É possível relacionar as falas de Oliveira e Zabalza no que diz respeito ao diário de classe, ao compreender que o papel desse documento não necessita ser meramente descritivo, já que deve contemplar também o educador para que ele possa rever suas aulas, seus métodos de ensino, perceber o que precisa ser acrescentado para contribuir com determinada turma ao propor outras possibilidades de ações, por exemplo. Nesse sentido, em outra fala de Oliveira (2011, p. 187) pontua que a “[...] escrita dos diários de aula venha proporcionar-me outras formas de representar visualmente os trajetos cartográficos da experiência docente”. Desse modo, é claro sobre essa questão do diário de classe, pois esse tem como papel de apresentar por meio de sua escrita os caminhos até aquele momento construído e os que poderão ser construídos. Assim, é possível perceber que esse documento é mais do que um registro e uma organização da instituição escolar, ele se faz de extrema importância no que se refere à reflexão dos professores a partir de suas ações descritivas, oportunizando ainda para estes, de pensarem e reverem por meio da análise realizada de suas próprias ações metodológicas.

Vale ressaltar que o diário de classe, além de ser um instrumento valioso para o professor, é uma forma dos diretores escolares e gestores pedagógicos manterem-se cientes do que os professores propõem para seus alunos, como aponta Zabalza (2012, s/p.) ao dizer que “[...] o diário exigiria alguma forma de supervisão externa (o que também se pode conseguir através do diário quando este é revisto e discutido com alguém que nos serve de ponto de referência externo)”.

Portanto, quando se trata do ensino, em específico o de arte, é necessária a compreensão do diário de classe e de outros elementos, como por exemplo, o planejamento escolar e currículo (visto no subcapítulo anterior) para ampliar possibilidades no sentido de atender o compromisso de ensinar para estarem sempre se atualizando ao construírem formas de melhor compreender o que a arte pode transmitir. Que os educadores não se esqueçam de seus deveres e comprometimento enquanto profissionais da educação.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresento as análises dos dados coletados para essa investigação. Para Gomes (2009, p. 80), “[...] ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social”. Com essa ideia, relatarei as análises realizadas, refletindo sobre o problema de pesquisa dessa investigação: Qual o lugar da cultura local, nas propostas pedagógicas dos professores de Artes, das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, considerando seus registros nos diários de classe de 2013?

Desse modo, a presente pesquisa se apresenta, como instrumento investigativo, os diários de classe dos professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, com o intuito de analisar os registros descritivos que contém neles para descobrir se durante as aulas de Artes são contemplados temas que fazem referência à cultura local, conforme obriga a Lei de Diretrizes e Bases – LDB.

Como mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa, no subtítulo *Metodologia*, o procedimento técnico aqui adotado é o documental, com características de uma pesquisa de campo. A análise será realizada a partir dos registros dos diários de classe de seis professores de Artes, indicando cada professor (juntamente com os registros de seus diários de classe) por letras do alfabeto. Sendo assim, serão identificados como: A, B, C, D, E e F.

Com relação à problematização desta pesquisa, começo a relatar os registros dos diários de classe do professor **A**¹², que correspondem ao segundo semestre de 2013 e nessas anotações analisadas foi possível observar as expressões regionais ao contemplar: *Vídeo Balanço bruxólico de Franklin Cascaes; Boi de mamão; Folclore: lenda e dobradura da Cuca; Apresentação da pesquisa sobre Willy Zumblick.*

Nos registros dos diários de classe do professor **A**, ainda encontro a interação das expressões regionais junto com a cultura local da cidade, como

¹²Destaco as letras do alfabeto A, B, C, D, E e F em negrito para melhor localizar no texto, da qual, as mesmas se referem aos diários de classe dos professores de Artes da Rede Pública Municipal de Sombrio. Descrevo as anotações dos registros em itálico para realçá-las.

descreve: *Vídeo “Balanço bruxólico” de Franklin Cascaes. Calçadão de Sombrio “as bruxas da casa de marretes”*. Também observei que faz a interação com a linguagem visual com a musical e a do teatro ao relatar que: *Vídeo: calçadão de Sombrio e musicalidade: a peteca; Produção de texto de teatro de sombra: O nome de Sombrio; Confeção de cenários e silhuetas do teatro de sombras*. Percebo que nos registros dos diários de classe do professor **A** remete a interdisciplinaridade da linguagem da arte, propositada pelo mesmo, bem como, mencionado no capítulo três, na seção 3.2, sobre essa questão na fundamentação teórica da pesquisa.

Em outros momentos, ainda sobre os registros encontrados nos diários de classe do professor **A**, o mesmo contempla a cultura local evidenciando trabalhos artísticos que contém na cidade, como por exemplo: *Obra “Imigrantes açorianos” do Calçadão de Sombrio; Calçadão de Sombrio tela bototansso*.

Os registros dos diários de classe do professor **B** correspondem ao primeiro semestre de 2013 e em seus registros na parte de conteúdos e atividades consta também sobre as expressões regionais, bem como descreve: *Costumes populares; Folclore: lenda e dobradura do Lobisomem; Folclore: Lenda e dobradura da Cuca; Folclore: Lenda da mandioca e ilustração; Folclore: dobradura do boi-de-mamão; Projeto: Etnias. Leitura da obra “Navio de Emigrantes”, desenho de estrutura; Pesquisa sobre Zumblick; Apresentação da pesquisa sobre Zumblick; Lenda e dobradura da lara; Composição sobre cultura popular*.

Ainda nos registros dos diários de classe do professor **B**, a cultura local é evidenciada na maioria das anotações sobre as obras em mosaico do Calçadão de Sombrio, como é descrito: *Mosaico sobre a tela “Padre João Reitz e a reurbanização”; Calçadão de Sombrio; Mosaicos da tela “Etnias”; Vídeo Calçadão de Sombrio; Estudando o Calçadão de Sombrio; Mosaicos sobre telas do calçadão*. E uma única vez sobre a cultura popular, como descreve: *Pesquisando a cultura popular na família*.

Percebo que nos registros dos diários de classe do professor **B** o folclore é muito abordado em sala de aula. De acordo com Farias (2000, p.242) sobre o folclore, considera que “é a manifestação de cultura popular, a sua maneira de sentir, pensar e agir. Dentro deste princípio se manifesta a dinâmica do folclore, com o espírito de criatividade do povo sempre em ação que envolvem as danças e os folguedos”.

Ao analisar os registros dos diários de classe do professor **C**, que contempla o segundo semestre de 2013, é possível perceber que neste, as expressões regionais também são abordadas, ao ter evidenciado o folclore e suas manifestações, conforme as anotações encontradas: *Folclore e suas manifestações, bruxas; Lendas e mitos do estado de Santa Catarina; Folclore e suas manifestações, vídeo boi-de-mamão; Lendas bruxólicas de Santa Catarina*. Também, se faz presente a cultura local, mas não sobre os mosaicos do Calçadão de Sombrio, como vistos nos registros dos diários de classe dos professores **A** e **B**. Nos registros dos diários de classe do professor **C**, a cultura local é evidenciada por meio da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, relacionando o trabalho do artista catarinense Zé Diabo com a de Michelangelo e Leonardo D’Vinci, como descreve: *Vídeo: Arte gótica e igreja Sombrio; Vídeo: José Diabo e Michelangelo e Leonardo D’Vinci*. Sobre essa integração de conteúdos, como aponta os registros mencionados anteriormente, Zanatta (2011, p. 62) diz que:

[...] o educador pode fazer uma “viagem no tempo”, pode levar seus alunos a “entrarem” em um fato histórico anterior, para que, compreendendo-o melhor, possam construir as ligações entre tal fato e a época contemporânea, permitindo, assim, que os alunos se situem, mentalmente, entre ambas as épocas e seus acontecimentos, o que os levará a relacionar, de forma mais clara e fácil [...].

Os diários de classe do professor **C** apresenta anotações sobre as saídas de campo como descreve em seus registros: *Visita à igreja de Sombrio; Passeio: viagem à Orleans, visita ao museu ao ar livre e paredão*.

É importante trazer aqui, o que diz a Proposta Curricular de Santa Catarina, sobre as saídas de campo em que os alunos têm a oportunidade, de adquirir novas vivências e experiência ao poder ter o contato diretamente com o objeto estético. Nesse sentido, considera-se que:

[...] o objeto artístico é portador de índice que propicia um encontro ativo entre o espectador e a obra (visual, cênica e musical); que o fruidor do objeto artístico, ao viver a experiência estética, vive também um processo de criação; que esse momento da experiência estética é absolutamente individual, mesmo quando vivido no coletivo, pois o modo de fruição é particular. Vive-se uma experiência intransferível, entretanto, ao vivê-la, tem-se a possibilidade de acesso aos bens culturais produzidos pelas diversas culturas, apreendendo os seus significados. (SANTA CATARINA, 1998, p. 187)

Nos registros de conteúdos e atividades dos diários de classe do professor **D**, que corresponde ao ano letivo de 2013, também encontro sobre as saídas de campo ao descrever: *Viagem de estudo ao museu “Willi Zumblick” ao “MASC” e ao “V. Meirelles”*; *Saída de campo – Orleans, visita aos paredões esculpidos por Zé Diabo*.

Nos mesmos registros, ao que se refere às expressões regionais encontro sobre: *Os artistas catarinenses contam histórias na arte*; *As bruxas nas obras de Zumblick*; *Willi Zumblick (obras) Um artista catarinense*; *Texto Willi Zumblick-Auto Retrato*; *Recorte em materiais de descarte sobre as obras de Zumblick*; *Escolha de obras de Zumblick para produção de releitura em papelão, início das produções*; *Vitor Meireles-artista catarinense*; *Pintura em papelão – releituras de obras catarinenses*; *Zé Diabo – Pesquisa na internet*; *Debate sobre a saída de campo aos paredões e desenho*; *Conhecendo Eli Heil – Artista Catarinense*; *Produção a partir das obras de Eli Heil*; *Tadeu Bitencourt*; *Esculturas/instalações – Bitencourt*; *Produções com materiais diversos*; *Vera Sabino – artista catarinense*; *Releitura – obra de V. Sabino (guache)*; *Silvio Pléticos*; *Os peixes nas obras de Pléticos*; *Mayer Filho – Um artista Catarinense*; *Folclore, vídeo “A história do folclore”*; *Pintura, recorte e colagem, produção de fantoches no palito com personagens do folclore brasileiro*.

Ao observar que nos registros dos diários de classe deste professor, contempla as expressões regionais ao citar artistas catarinenses, que tem características de suas obras e o contexto diferente um do outro, os alunos realizaram pesquisas, debates, produções a partir das linguagens visuais, como por exemplo, escultura e pintura com diferentes materiais, e também, as saídas de campo para conhecer algumas obras de perto desses artistas da região. Também, é possível observar que abordam a cultura local em sala de aula, que é o foco dessa investigação. Entretanto, não é claro quanto à forma de abordagem da atividade sobre a cultura local de Sombrio – SC e o que deu evidência das várias culturas que a cidade tem, mas é possível fazer a compreensão de que, ao abordar alguns artistas catarinenses, é realizado diálogo revirando as memórias de seus alunos vão fazer a comparação com a cultura local dessa cidade.

Segundo Zanatta (2011, p. 39):

Sendo a cultura elemento social, visto que não se desenvolve individualmente, é na lembrança que buscamos os fragmentos dessa cultura que, construída nas relações sociais, fica armazenada na nossa memória, passando a ser de domínio coletivo.

Desse modo, acredito que a partir do que descreve em seus registros, os diários de classe do professor **D**, ele faz a construção da relação da cultura local, por meio da lembrança, memória, num ato coletivo com a turma, ao trazer discussões sobre histórias de lendas que o povo sombriense conta quando aborda sobre o folclore, por exemplo.

Nos registros dos diários de classe dos professores **E** (que corresponde ao segundo semestre do ano de 2013) e **F** (que corresponde ao ano letivo de 2013), em ambos, são poucas as anotações realizadas na parte dos registros de conteúdos e atividades. Sobre o exercício da escrita, Oliveira (2013, p. 234) considera que “ao experimentar a escrita, o pensamento adquire velocidade no seu meio, realizando outras conexões, bifurcações e construções de percurso [...]”, nesse sentido, ressalto o quão é importante a escrita no diário de classe.

Nos registros dos diários de classe do professor **E** não foi possível encontrar conteúdos que se referem às expressões regionais e a cultura local, mas nos registros dos diários de classe do professor **F** foi possível encontrar conteúdos que perfazem as expressões regionais ao citar nos registros artista catarinense, como: *Mayer Filho – Artista Catarinense*. Entretanto, sobre a forma de como abordou as atividades não foi descrita, como também, não há nada no que diz respeito à cultura local da cidade de Sombrio ou diálogo desta com as expressões regionais.

Com tudo, é possível perceber que o modo de como os educadores de Artes, registram em seus diários de classe, é de forma sucinto sobre suas aulas, ou seja, a atividade registrada na maioria dos diários de classe é breve, quando há anotações sobre essa, de cada encontro, quando não é registrado apenas o conteúdo abordado.

Para complementar, volto a mencionar o foco dessa investigação que é saber se a cultura local da cidade é evidenciada durante as aulas de Artes, pelos professores de Artes, que atuaram nas escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, no ano de 2013, ao descrever nesse capítulo os registros encontrados sobre essa questão nos diários de classe de seis professores de, selecionei então, conteúdos mais relevantes, para elaborar uma tabela, com intuito

de compreender e identificar as escolhas que os professores fizeram sobre a cultura dessa localidade.

Tabela 1 – Conteúdos/atividades e Diários de Classe.

Conteúdos /atividades evidenciando a cultura local de Sombrio – SC	Diários de classe prof ^o .A 2013/2	Diários de classe prof ^o B 2013/1	Diários de classe prof ^o . C 2013/2	Diários de classe prof ^o . D 2013	Diários de classe prof ^o . E 2013/2	Diários de classe prof ^o . F 2013
Mosaicos do Calçadão de Sombrio, artista plástico Jone César Araujo, 2000.	X	X	–	–	–	–
Patrimônio cultural: Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua	–	–	x	–	–	–
Cultura local	X	X	X	X	–	–
Vídeo “Balanço bruxólico” de Franklin Cascaes e Calçadão de Sombrio “as bruxas da casa de marretes	X	–	–	–	–	–
Vídeo: calçadão de Sombrio e musicalidade: a peteca;	X	–	–	–	–	–
Produção de texto de teatro de sombra: O nome de Sombrio; Confecção de cenários e silhuetas do teatro de sombras	X	–	–	–	–	–
Pesquisando a cultura popular na família.	–	X	–	–	–	–

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A partir da análise, foi possível compreender que quatro professores de artes conhecem a cultura local do município de Sombrio – SC e identificam a relação entre arte e cultura local, dando algum enfoque em suas aulas à cultura da cidade.

Descrevi durante a escrita desse capítulo sobre as expressões regionais, pois esta abrange a cultura local, que na LDB, consta sobre a sua obrigatoriedade de abordá-la nas aulas de Artes. Desse modo, nos diários de classe de cinco professores há concordância com a LDB, no que se refere às expressões regionais, mas apenas quatro evidenciam em específico a cultura local de Sombrio – SC.

Sobre o que são registrados nos diários de classe dos professores, percebi que nem todos contemplam a escrita conforme o que é realizado em cada aula/encontro, ao analisar as datas registradas neste. A escrita normalmente é breve, mas em alguns momentos foi mais intensa nos seus relatos das atividades. Nesse sentido, ressalto a importância da escrita e do papel do diário de classe, ao ser um instrumento valioso e auto avaliativo do professor, ao estar fazendo com que o mesmo, tenha mais ideias ao voltar para as escritas de aulas realizadas anteriormente, analisando a descrição que o próprio fez e tendo ideias, conforme for surgindo de suas leituras.

Portanto, a partir dessas questões ligadas às expressões regionais, em específico a cultura local da cidade de Sombrio – SC, apresento no próximo capítulo uma proposta de curso para que os professores de Artes possam participar e ampliar seu repertório sobre sua cidade e a relação com a arte.

5 PROPOSTA DE CURSO

5.1 TEMA: Cultura local e as aulas de Artes.

5. 1.1 TÍTULO DO PROJETO: As expressões regionais de Sombrio – SC: espaços de arte.

5.2 EMENTA: Conhecimento da cultura local da cidade de Sombrio – SC. Subsídios teóricos e práticos para os professores de Artes em relação ao ensinar e aprender arte por meio das expressões regionais.

5.3 CARGA HORÁRIA: 8 horas de curso.

5.4 PÚBLICO ALVO: Professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio –SC.

5.5 JUSTIFICATIVA

O ensino é adquirido por meio do conhecimento que se constrói a partir das vivências e as trocas de experiências que acontecem com o professor ou colega de classe. Nessa perspectiva, a disciplina de Cultura Regional, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Unesc, com a professora Silemar Maria de Medeiros da Silva, a turma da 7ª fase foi desafiada a elaborar um material pedagógico, que contasse algo sobre algum marco histórico de uma determinada cidade da região sul. Desse modo, eu (Franciéli) e Aline Ferreira, enquanto acadêmicas, criamos um vídeo com o intuito de que se tenha maior compreensão e (re) conhecimento sobre a história que originou o nome da cidade de Sombrio – SC, por meio de outro olhar.

A partir disso, criamos um curta metragem baseado em um formato de livro, juntamente com uma narração e alguns movimentos que proporcionam melhor o efeito lúdico. Também, disponibilizamos de imagens reais da cidade de Sombrio que contemplam a história. Para Canclini (2008, p. XXIII) “a história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas” nessa ideia do autor é possível fazer a relação com esse material ao proporcionar para os professores que irão participar do curso de extensão, chamado

de *As expressões regionais de Sombrio – SC: espaços de arte* As expressões regionais de Sombrio – SC: espaços de arte, as histórias que deram origem a cultura e demais elementos que compõe essa cidade ao passarem pelas gerações dos cidadãos sombrienses.

Quando se trata de pesquisar para desenvolver um curso de extensão, me amparo na perspectiva de Volpato (2012, p.2) quando diz “[...] produzir algo só tem sentido se há um destino coletivo para o que é produzido: o de tornar a vida de todas as pessoas melhor, mais plena, mais feliz”. Esse projeto, proporciona uma ampliação de repertório para os professores de Artes, sobre a cultura local de Sombrio – SC, por meio dos diálogos que acontecerão nos dois momentos do curso sobre os conteúdos ligados as expressões regionais da cidade, bem como o patrimônio cultural, a história do nome da cidade e lendas sobre a mesma que aparecerão no vídeo, por exemplo.

Sobre cultura, amparo-me na concepção de Laraia (2006, p. 45) ao dizer que: “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.”. Nesse sentido, fazer esse projeto de curso para os professores de Artes da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, é com o intuito de que estes professores evidencie mais durante as suas aulas sobre este assunto (cultura local), pois os cidadãos sombrienses são herdeiros dessa cultura que as suas gerações construíram e que eles dão continuidade para as próximas que virão.

Portanto, esse curso de extensão será importante, pois evidenciará a cultura local por meio deste material pedagógico e divulgando este trabalho, principalmente, porque este contempla a Lei de Diretrizes e Bases 9.393/96 no que se refere sobre as expressões regionais, ao ressaltar a importância de valorizar os patrimônios culturais e naturais, as histórias, lendas, trabalhos artísticos de artistas da região e demais fatores que perfazem a cultura da cidade.

5.6 OBJETIVOS

5.6.1 GERAL:

Evidenciar a cultura local da cidade de Sombrio – SC, por meio do vídeo

As Aventuras de Curioso, propondo aos professores de Artes das escolas da Rede Pública Municipal a compreensão da relação que há entre arte e cidade.

5.6.2 ESPECÍFICOS:

- Reconhecer a cultura local da cidade de Sombrio – SC, por meio da troca de experiência;
- Identificar as expressões regionais da cidade com o vídeo As Aventuras de Curioso, para compreensão da cultura de Sombrio – SC;
- Possibilitar as trocas de experiências a partir do tema *cultura local e as aulas de Artes*, a fim de que os professores possam abordar sobre essa temática em sala de aula;
- Ressaltar a importância da abordagem do tema *Cultura local e as aulas de Artes*, visando atender o que prevê, na Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96;

5.7 METODOLOGIA

5.7.1 PRIMEIRO MOMENTO DO CURSO

O primeiro momento do curso irei me apresentar e logo direi sobre o que levou a promover esse curso, com a correspondente temática, tendo como intuito deste, evidenciar a cultura local da cidade de Sombrio – SC. Posteriormente, perguntarei e instigando os professores sobre algumas questões sobre a cidade tais como: Quais os lugares que eles observam a cultura local da cidade? Esses são vistos com frequência? Como está a preservação destes lugares? São evidenciados pelos cidadãos? São evidenciados por vocês em salas de aulas? Entre outras questões que irão surgindo e contribuindo ao longo da conversa. Após, assistiremos o vídeo *As aventuras de Curioso*, com aproximadamente 6 minutos. Depois do vídeo, irei perguntar aos professores o que puderam observar nele que os fizeram recordar da conversa realizada anteriormente. Também irei comentar que por meio do vídeo podemos apreciar algumas expressões regionais, ou seja, a cultura local que este contempla ao começar a falar na Lagoa de Sombrio, as curiosidades que despertam sobre o nome da cidade, passando pelas Furnas, as lendas e até chegar

ao Calçadão de Sombrio elaborado pelo artista plástico Jone César Araujo que através dos mosaicos caracterizou a história dessa cidade em quatorze momentos. Refletindo junto com os professores sobre o que observamos no vídeo, irei pedir para cada professor comentar para o grande grupo a sua perspectiva da cultura local de Sombrio – SC. Posteriormente, irei mostrar recortes sobre a questão do conceito de cultura, na ideia de autores que contextualizam sobre esse assunto, por meio de slides, encerrando assim o primeiro momento do encontro.

5.7.2 SEGUNDO MOMENTO DO CURSO

A partir da última vivência realizada no primeiro momento do curso, os professores de Artes puderam trocar experiências por meio do diálogo sobre as expressões regionais, em específico a cultura local que já foram contempladas em sala de aula. Após, os professores irão descrever as novas possibilidades de abordar em sala de aula sobre essa temática *Cultura local e as aulas de Artes*, como contempla na LDB, sobre as expressões regionais e que, as exemplifique. Posteriormente, será feita a socialização dessas escritas. Em seguida, irei ressaltar a sua importância, evidenciando a LDB 9.394/96 onde esta diz a sua obrigatoriedade no ensino, utilizando o recurso de slides apontando sobre questões relacionadas com estas. Após, irei abrir espaço para as perguntas e acréscimos de conhecimento dos professores participantes do curso de extensão. Finalizarei o curso, ouvindo-as sobre a respectiva pergunta que farei para todas do grupo: qual o momento do curso que foi mais significativo para você?

5.8 REFERÊNCIAS

AS AVENTURAS DE CURIOSO. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=zZzLLp4KURU&hd=1>>. Acesso em: 30 set. 2014.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. Ed. São Paulo: E DUSP, 2008, 385 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 117 p.

VOLPATO, Gildo. **A extensão universitária e as possibilidades de articulação com o ensino e a pesquisa**. Disponível em: <<http://www.atribunanet.com/artigo/a-extensao-universitaria-e-as-possibilidadesde-articulacao-com-o-ensino-e-a-pesquisa-1-80382>>. Acesso em: 15 out. 2014.

6 CONCLUSÃO

Compreendo as mudanças que o ensino da arte obteve durante a sua trajetória, ressalto aqui, que o mundo passa por inúmeras transformações constantemente, principalmente no que se refere à área da educação. A arte com a sua complexidade, absorve essas transformações, conseguindo executar e, por conseguinte, apresentar tais formações, por exemplo.

Sabendo que a arte e a cultura de modo geral, são elementos essenciais na vida do aluno, é a partir delas e de suas variáveis concepções, que eles (re)significam sua visão de mundo, ampliam a oportunidade de desenvolver habilidades por meio das atividades realizadas com assuntos desses campos, adquirindo assim, aspectos que promovem a sensibilidade e a imaginação deles.

A postura dos professores de Artes, também está em construção e sujeito a mudanças, uma vez que, o professor é o catalisador do conhecimento, é necessário para a sua formação estar atualizado, principalmente com o que diz respeito às mudanças ou acréscimos nas leis sobre o ensino da arte.

Nesse sentido, foi o que me levou a pesquisar sobre as aulas de Artes, se nestas são abordadas a cultura local, bem como contempla a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, no que se refere às expressões regionais, em específico a cultura local para melhor compreender a realidade do ensino de Artes na cidade de Sombrio – SC, utilizando como instrumento investigativo os registros dos diários de classe.

O porquê da escolha dos diários de classe, em específico a parte que se refere aos conteúdos e atividades que o professor deve descrever de cada aula, é com a intenção de mostrar a realidade do ensino de arte em Sombrio – SC, ao evidenciar também, a importância do seu papel sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Realizar essa pesquisa como procedimento técnico documental e, principalmente em diários de classe, foi muito significativo pelo fato de me surpreender com o que eu encontrei nesses documentos. Desde as anotações que se referiam a cultura local, até as poucas descrições sobre outras questões.

Com as análises dos registros dos diários de classe dos professores de Artes, das escolas da Rede Pública Municipal de Sombrio – SC, do ano de 2013, percebo que ainda existe um distanciamento dos professores de Artes com o

exercício da escrita nos diários de classe ao descreverem pouco sobre os conteúdos e as atividades abordadas em sala de aula.

Entretanto, com toda a complexidade da pesquisa, considero que consegui alcançar no que pretendia, ao saber que no nosso município, há professores atualizados sobre as leis e comprometidos com a aprendizagem de seus alunos ao estarem abordando a cultura local da cidade ao identificá-la, fazendo também, a relação entre arte e cidade.

A cultura local de Sombrio – SC, por sua vez é encantadora quando se tem uma compreensão maior sobre ela ao mergulhar intensamente sobre a mesma. Desse modo, pude constatar que a partir dos registros dos diários de classe dos professores de Artes, que a maioria destes, tem um conhecimento sobre elas, quando evidenciam em suas aulas alguns elementos culturais. Contudo, na cidade há mais elementos culturais do que podemos imaginar ao comparar, por exemplo, com outros, citados no segundo capítulo, na seção 2.3 desta pesquisa.

Nesse sentido, o que foi relevante durante essa pesquisa, foram as descrições nos diários de classe, que apontam para a realidade do ensino de arte na cidade de Sombrio – SC, indicando os caminhos que os professores conduzem a partir de suas escolhas dos conteúdos e das metodologias de suas atividades, mesmo que a última tenha sido vista nos registros de forma sucinta.

Portanto, para aprimorar os conhecimentos desses professores de Artes, por que não olhar por outro viés a cultura local da cidade de Sombrio? Sendo assim, recomendo a participação da proposta de curso de extensão, visando esta temática, a partir de dois momentos por meio do diálogo, trocas de experiência e, o melhor: apreciar a cultura local de Sombrio por meio do vídeo *As aventuras de curioso*, que por sua vez, é uma aventura apaixonante (Ver apêndice A).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e Colagem: Influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 136 p.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. 80 p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/17820>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC /SEF, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de DOBRÁNSZKY, Enid Abreu. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001. 253 p.

CLIMENT, Joaquim-manuel Chavarria. **El Mosaico**. Barcelona, Espanha: Parramón, 1998. Tradução de: Conceição Candeias e Manuela de Oliveira.

COELHO, Christian Sant' Helena Coelho. **Assim Nasceu Sombrio**. Sombrio: Jornal Correio do Sul, 2003, p. 267 a 288.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. Tradução de SILVA, Gisele Dionísio da. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) et al. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.p. 15 a 30.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Sombrio 85 anos: natureza, história e cultura**. Sombrio: do Autor, 2000. 328 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Construindo aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani C. A. (org) et al. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11 a 29.

FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.. **Arte na educação escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. 151 p.

GANDIN, Danilo. **Planejamento: Como prática educativa**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 111 p.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009. p. 79-108.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar

e ao reposicionamento do sujeito. Tradução de CLÍMACO, Danilo de Asis. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) et al. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.p. 31 a 49.

INFORSATO, Edson do Carmo; SANTOS, Robson Alves dos. A preparação das aulas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 86-99, v. 9.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 117 p.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

MINAYO, Cecilia de Souza (org.). O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009. p. 9-29.

MORENO, Luiz Carlos. Interdisciplinaridade e transversalidade: importância. In: CONTE, Priscila (org) et al. **Educação 2010: as mais importantes tendências na visão dos mais importantes educacionais**. Curitiba: Multiverso, 2010, p. 21 a 23.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: os diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) et al. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.p. 175 a 190.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O que pode um diário de aula? In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) et al. **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: UFSM, 2013.p. 225 a 236.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Currículo: Possibilidades. In: PILOTTO, Silvia Sell Duarte (org.) et al. **Processos curriculares em arte: Da universidade ao ensino básico**. Joinville: UNIVILLE, 2005. p. 24-33.

RICHTER, Ivone Mendes. A pluralidade cultural e o ensino de arte. In: CORRÊA, Ayrton Dutra (org.) et al. **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí:Unijuí, 2004. p. 141 a 173.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.)et al. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Rs: Ufrgs, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.

SOMBRIO. **Proposta Curricular Rede Municipal de Ensino de Sombrio: Fundamental II.** Sombrio. 2012.

TEIXEIRA, Carine Oliveira. **Cultura e arte em Sombrio – SC:** Memória, identidade e patrimônio em diálogo com a educação. 2009. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Licenciatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000040/0000405D.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerência da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) et al. **Educação da cultura visual:** conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011.p. 51 a 68.

VIANNA, Ilca de Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico:** um enfoque didático da produção científica. São Paulo: E.P.U., 2001. 293 p.

ZABALZA, Miguel A.. **Os diários de classe dos professores.** 2012. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69407>>. Acesso em: 30 set. 2014.

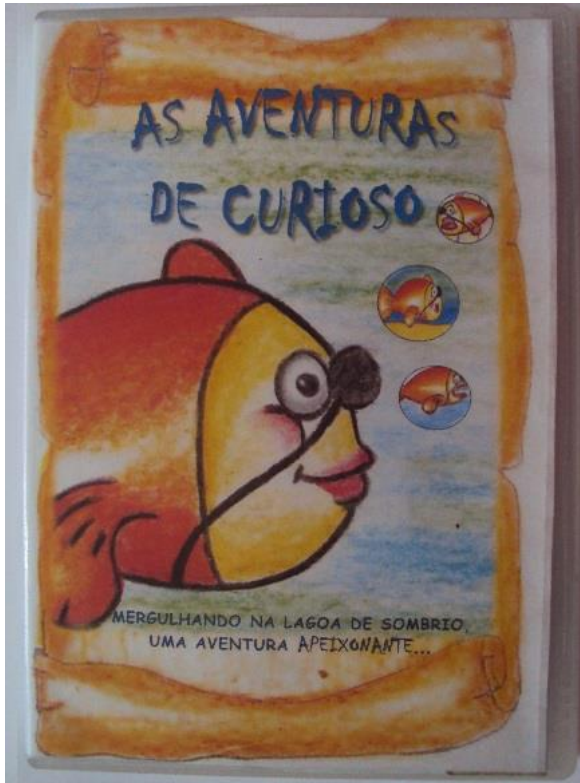
ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte:** Um paralelo entre arte e ciência. Campinas, Sp: Autores Associados, 1998. 107 p.

ZANATTA, Eledir Regina do Prado. **Educação e Arte:** A interface com o patrimônio. Lages: Grafine, 2011.p. 33 a 70.

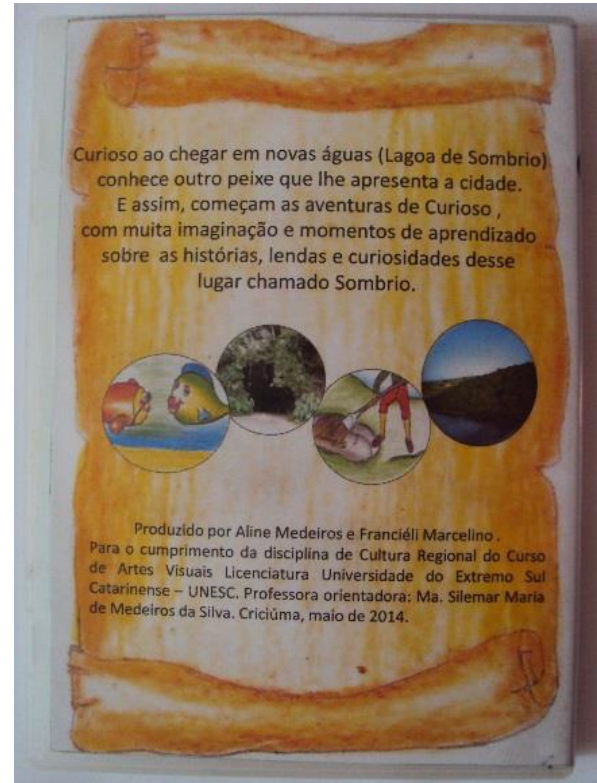
APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – DVD AS AVENTURAS DE CURIOSO.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZzLLp4KURU&hd=1>> Acesso em: 30 set. 2014.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.

TERMO DE CONSENTIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estou realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Arte e Cultura Regional: Reflexões a partir dos diários dos professores de artes da rede pública municipal de Sombrio/SC.

O(a) sr(a): _____

Diretor(a) da _____ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados, sobre os planejamentos e diários dos professores de artes, no ano de 2013, estará assim, participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo: investigar os planejamentos dos professores de artes da rede pública do município de Sombrio/SC, considerando os registros em seus diários de classe, se abordam questões sobre a cultura local. Trata-se de um aceite que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Será uma participação voluntária e sem interesse financeiro.

Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante a pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Franciéli Marcelino de Guimarães, da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Silemar Maria de Medeiros da Silva.

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2014.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição